

## **O SIGNIFICADO COMO FUNDAMENTO DA MOTIVAÇÃO PARA A ATIVIDADE DE ESTUDO**

Armando **Marino Filho** – UFMS

### **Resumo**

Este texto tem como finalidade tratar dos problemas de vinculação do estudante à sua atividade. Parte da compreensão que sem a vinculação afetivo/emocional o estudante não se reconhecerá como sujeito e nem se realizará como pessoa no estudo escolarizado. Tem como objetivo apontar o processo de significação como essencial para a formação da vinculação e criação de sentido pessoal. Toma a motivação como conceito importante para se compreender esses processos em sua unidade na formação da consciência. Resulta de análise teórica conceitual fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, seus fundadores e autores correlacionados. Aborda as especificidades da atividade de estudo, sua relação com o processo de significação e transformação do comportamento, bem como, a motivação e a importância do seu desenvolvimento no processo de ensino. Apresenta como resultados a importância da correta organização da atividade de estudo para o correspondente processo de significação com o qual o estudante pode produzir sentidos pessoais convergentes com os sociais da atividade escolar.

**Palavras-chave:** Significação. Atividade de estudo. Motivação.

## **O SIGNIFICADO COMO FUNDAMENTO DA MOTIVAÇÃO PARA A ATIVIDADE DE ESTUDO**

### **Introdução**

A atividade de estudo se estrutura como qualquer atividade humana, em torno da existência de uma necessidade e seu objeto (o motivo da atividade), das ações e operações efetivadas por meio de instrumentos e recursos psicológicos cognitivos, afetivos e emocionais. Tem como objeto um conjunto de procedimentos e conhecimentos específicos, por isso, responde na mesma medida a necessidades específicas gestadas na prática social. É, por isso, uma atividade social com qualidades e

características particulares e contém, como forma geral de toda atividade humanizada, o princípio da transformação da realidade.

Toda atividade encerra uma relação de correspondência entre a necessidade, seu objeto, meios e instrumentos exigidos pelas ações e os modos de sua execução. Os sujeitos que a produzem devem ser portadores da necessidade que a estrutura. Eles precisam conhecer o seu objeto motivador.

A motivação ocorre por uma necessidade própria ou como uma ordenação alheia. Outros componentes afetivos e emocionais podem levar alguém a se sujeitar à execução de suas ações, como o medo, a ideia de obrigação, a impulsividade, etc. Mas, por outro lado, isso pode também ocorrer pelo fato de que para ser sujeito de uma atividade é preciso passar por um processo de mediação pelo ensino. Este é envolvido em relações de poder que necessariamente produzem afetação e estados emocionais que muitas vezes entram em contradição com as necessidades dos sujeitos, mas que são condições para aprendizagem.

É necessário organizar, dirigir, orientar e controlar, por exemplo, a atividade dos aprendizes. A mediação exige ações direcionadas a levar os sujeitos a uma transformação no seu ser social, à formação que corresponda às necessidades de humanização postas pelos fundamentos teórico/filosóficos e científicos que deve orientar o processo educativo. Essas ações organizativas e orientadoras do ensino não se efetivam sem se produzirem contradições com as necessidades particulares dos aprendizes. Portanto, a produção de condições afetivo/emocionais é inevitável e deve ser considerada durante o processo educativo.

O que nos interessa para compreender a relação entre a significação e a motivação para a atividade de estudo, são as especificidades dos seus objetos, seus significados, os meios e instrumentos psicológicos que envolvem esses processos. Conhecer também, qual seja a forma necessária de organização do estudo para que haja uma correspondência entre a significação produzida na atividade e a motivação direcionada a tais objetos específicos.

Os seres humanos aprendem sob variadas circunstâncias nas quais um conhecimento é internalizado como automatismo, de forma pragmática, como transmissão direta na forma verbal, sem que o objeto concreto do conhecimento seja analisado na sua forma existente, sem que se conheça a sua origem ou processo de produção. Por isso, o ensino também pode ocorrer de formas não sistematizadas ou não intencionalmente direcionadas a formar ou a transformar o pensamento nos sujeitos em uma dada direção.

A especificidade da atividade de estudo, o seu objeto não é a informação, o conceito dado, o conhecimento já produzido e assimilado na sua forma externa verbal, nesses casos a aprendizagem se resumiria às formas mais cotidianas dadas na atividade prática. O estudo se fundamenta na transformação do objeto dado. Isso significa que durante o estudo o estudante compreende o movimento de existência que vai da gênese à forma atual daquilo que estuda.

Isso decorre do fato de que os objetos existem em movimento, são produtos de múltiplas determinações e condições que, sem a sua compreensão não resulta como produto da atividade de estudo a transformação do próprio pensamento do aprendiz. Essa afirmação se refere ao próprio pensamento como processo de análise e síntese que resulta em abstração do essencial-geral que constitui o objeto a ser conhecido, e se caracteriza, então, como conhecimento teórico.

O fato de que forçosamente neste processo encontra-se o caráter criativo do pensamento para a transformação do objeto de estudo e que é necessário criar-se as condições para que o estudante possa operar por meio da experimentação a transformação do objeto em conhecimento, é de essencial importância durante a significação dos objetos e procedimentos, na formação dos conceitos que organizam o pensamento.

Todo o processo de pensamento resulta da mesma forma que a atividade externa de transformação material objetiva. O pensamento não ocorre desconectado da realidade objetiva como seu reflexo psíquico. E, por isso mesmo, depende de um processo mais amplo que possibilita a sua existência como sistema de orientação psicológica na atividade social. Isto é, a significação.

### **A significação, humanização e transformação do comportamento**

Para além desta condição natural das carências biológicas outros tipos de necessidades que não existem na natureza são encontradas como humanas. É dessas necessidades, as criadas pelo gênero humano, que nos interessa para compreender aquilo que na significação se torna motivador para a atividade de estudo. Partimos do fato de que as crianças não nascem com as necessidades culturais. Estudar não é uma necessidade natural. Ao pensarmos no desenvolvimento psicológico cabe avaliar o que propõe Vygotski (1997, p. 175) e que pode ser correlacionado às condições para o surgimento da necessidade. Afirma ele que,

As condições sociais nas quais a criança deve enraizar-se constituem, por um lado, todo o âmbito de sua inadaptação, do qual se derivam as forças criativas de seu desenvolvimento, a existência de obstáculos que impulsionam a criança ao desenvolvimento reside nas condições do ambiente social ao qual *deve* incorporar-se. (tradução nossa, grifo do autor).

Dessa tese defendida acima, podemos extrair princípios orientadores para a compreensão dos vínculos criados no processo de significação com a motivação em dada atividade. Aqui se faz necessário um esclarecimento sobre como se formam e o lugar que ocupam na atividade humana. Apontamos para uma proposição inicial sobre a significação feita por esse autor.

A significação é a atividade fundamental, o centro em torno do qual se desenvolvem as ações humanas, suas relações com o mundo objetivo e com outros homens. Dado que a criança não nasce com os signos criados pelos homens e que respondem ao princípio da sinalização como forma geral de orientação psicológica, podemos afirmar que a possibilidade de comunicação pela sua apropriação e o seu emprego é um dos primeiros e mais importantes obstáculos no seu desenvolvimento social.

O domínio e o emprego dos signos só fazem sentido na atividade social e é o meio pelo qual a criança adquire as formas de agir orientando-se aos objetivos das

ações, utilizar meios e instrumentos, compreender a função social dos objetos e ocupar um lugar nas relações sociais. Nesse sentido é preciso tomar a *significação* como atividade social.

Os objetos do mundo social e os significados, que são objetivações das vivências materializadas nos signos, conectam os homens socialmente entre si e existem em complexa inter-relação quando os homens produzem atividades grupais. Os indivíduos sujeitos à atividade grupal existem em uma situação/contexto produtoras da necessidade de significação.

A significação não quer dizer que ela criará novos signos para as suas relações sociais, embora isso possa ocorrer nas suas relações particulares com outros indivíduos e responder a inter-relações diádicas como no caso de mães e seus filhos pequenos, mas, que no processo da atividade de comunicação o processo de transformação de sinais em signos exige dela um processo criativo, dado que a criatividade transformadora da realidade faz parte da estrutura da atividade humana.

Esse processo criativo individual baseado no conjunto de signos já existente na cultura nos remete ao processo de significação como produtor de sentido pessoal da orientação psicológica. Podemos entender que os significados dão um sentido para as ações e operações que respondem às necessidades de participação social. Fato que pode ser observado quando os sujeitos esperam entre si correspondência nas suas ações em relação aos objetivos postos. Mas a forma, o conteúdo afetivo/emocional e as qualidades finais da produção individual das ações expressam as exigências da personalidade, dada pelo sentido pessoal das ações.

Com isso é que podemos entender a vinculação de um sujeito à sua atividade. Esta pode ter variadas qualidades e motivações. Assim, o afetivo no processo de significação é decisivo na orientação psicológica que um sujeito dá às suas ações, aos seus interesses e à sua participação na atividade.

A atividade de estudo, não natural, pode ser realizada por diferentes motivos pessoais e/ou sociais. Quando V. Davidov (1999) afirma que a criança deve ter a necessidade de assimilação dos conteúdos de estudo podemos afirmar, também, que essa necessidade precisa ser devidamente significada, isto é, compreendida nas suas expectativas sociais, qual é o seu sentido social, mas também, criadas as condições para

a produção de um sentido pessoal que vincule a criança por meio da satisfação de expectativas pessoais correlacionadas.

Disso decorre um processo fundamental da significação como atividade social. A produção de imagens, a sua articulação e transformação criativa no desenvolvimento dos conceitos e da consciência. Como afirma Leontiev (1978, p. 110),

As imagens sensoriais são a forma universal do reflexo psíquico que é gerado pela atividade objetiva do sujeito. Mas no homem, as imagens sensoriais adquirem uma nova qualidade, e é justamente seu caráter significativo. Os *significados* são “formadores” primordiais da consciência humana. (tradução nossa, grifo do autor).

As imagens sensoriais são o ponto de partida do processo de significação. São produzidas por afetações dos órgãos dos sentidos. Elas resultam de alguma relação do indivíduo com os objetos do seu entorno. Porém, por si só o registro neurofisiológico e as leis naturais da sua atividade são insuficientes para se compreender como implicam nas ações humanas. É necessário ir além da noção de estimulação sensível imediata das afetações e compreender que as imagens se formam e são mediatizadas pela atividade de um sujeito social que existe em condições culturais dinâmicas. Como faz notar Leontiev (1978, p. 58),

[...] Nossas imagens sensoriais generalizadas, assim como os conceitos, contêm movimento e, por conseguinte, contradições; elas refletem o objeto em seus vínculos e mediatizações diversas. Isto significa que nenhum conhecimento sensorial é uma marca petrificada. (tradução nossa)

Nesse sentido há que se considerar que a mediação na produção de imagens não é somente possível, mas não pode ser negligenciada na atividade de significação. “A função especial que cumprem as imagens sensoriais da consciência consiste em que conferem realidade ao quadro consciente do mundo que se despreza ante o sujeito [...]” (LEONTIEV, 1978 p. 105). Vygotski (1999, p. 6), expondo sobre os processos de imaginação e sua relação com a criatividade faz a seguinte explanação:

[...] A atividade combinatória do cérebro se baseia, em resumo, em que o cérebro conserva marcas das excitações precedentes e toda a novidade desta função se reduz simplesmente a que, dispondo das marcas destas excitações, o cérebro as combina em formas distintas às que se encontram na realidade. (tradução nossa)

É de se considerar, então, que é na prática social que se formam as imagens necessárias à imaginação criativa na transformação dos objetos, portanto, a imaginação transformadora é sempre produto das relações entre os homens e seu mundo

humanizado. Refletem essas relações e por meio delas conferem sentido à significação objetivamente vivenciada.

O mundo ideal, âmbito do desenvolvimento dos conceitos e produto da atividade do pensamento carece da atividade produtiva. Considere-se que um dos componentes da atividade de estudo é a transformação criativa do seu objeto e que nesse movimento é o próprio sujeito que se transforma enquanto ser pensante. A atividade de estudo opera pela transformação do seu objeto uma transformação no pensamento. Mas isso, não ocorre espontaneamente sem a relação social, sem o *trabalho* coletivo. Como demonstra Ilyenkov (2009, p. 270),

[...] não se pode falar de “idealidade” onde não existam pessoas socialmente produzindo e reproduzindo sua vida material, ou seja, indivíduos trabalhando coletivamente [...]. A idealidade tem, portanto, uma natureza e uma origem puramente sociais. Ela é a forma da coisa, porém externa à própria coisa, essa forma está presente na atividade dos seres humanos, como uma forma dessa atividade [...]. (tradução nossa)

A comunicação é relevante para a compreensão das formas de orientação psicológica em uma atividade grupal. Esta se nos apresenta como essencial para a vinculação entre indivíduos e da sua mutua orientação coordenada. Ter e atingir objetivos comuns exige a existência de um sistema de comunicação. Vygotski (2001, p. 12) afirma que “[...] para se comunicar alguma vivência ou algum conteúdo da consciência a outra pessoa não há outro caminho a não ser a inserção desse conteúdo numa determinada classe, em um grupo de fenômenos, e isto, como sabemos, requer necessariamente generalização.”

Se considerarmos a unidade entre atividade grupal, comunicação e generalização, a sua análise nos levará ao fato de que qualquer que seja o envolvimento de um indivíduo como sujeito em uma atividade grupal, isso se deverá ao processo de generalização. Para esse autor, a generalização não se distingue do significado e tem como objetivação transformada em signo na palavra o seu principal meio de operacionalização do pensamento. Por isso ele afirma que,

[...] do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento (VYGOTSKI, 2001 p. 398).

Quero ressaltar nesta citação, ainda, o fato importante de que ele une significação e generalização ao pensamento. Então, significação, generalização e pensamento fazem parte de um mesmo processo, a ponto de ele afirmar que podemos

“[...] considerar o significado da palavra como um fenômeno de pensamento. [...] é a unidade da palavra com o pensamento (idem).” Faça essas considerações para trazer à reflexão uma questão fundamental da significação, e que deve ocupar lugar de destaque na nossa preocupação com a vinculação da criança à atividade de estudo. A questão da afetividade e a formação de *sentido* que encerra a unidade desse processo que ora nos ocupa. Vygotski (2001a, p. 24) introduz assim essa problemática:

A primeira questão que se propõe quando falamos da relação entre o pensamento e a linguagem e os restantes aspectos da consciência é a da conexão entre o *intelecto e o afeto*. [...] Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. (tradução nossa, grifo do autor).

Compreendo afeto, aqui, como a síntese qualitativa da relação sensível com o mundo objetivo, isto é, a afetação sensível que, por suas qualidades materiais produzem em um determinado indivíduo valores relacionais da sua coexistência orgânica e que inserido este em relações sociais, são simbolizados por meio da significação e adquirem uma nova forma de existência. Esta nova forma do afeto na significação social implica em sua complexificação dada pela unidade da coexistência com a afetação manifesta dos outros, parceiros sociais, e se transformam em sentimentos e formas de expressão emocional que são social e culturalmente condicionadas e reconhecidas. É a partir desse movimento da afetação e sua significação que se formam os sentidos pessoais correlacionados com os sentidos sociais de orientação das ações expressas nos significados, nos signos.

A generalização é uma síntese que resulta de processos de análise baseada no valor das inter-relações entre os objetos tomados da realidade pela consciência e não é, portanto, possível sem a afetação, isto é, a transformação das qualidades objetivas em reflexo subjetivo das relações do sujeito com o seu contexto. O valor, assim, expressa as qualidades que uma dada relação possui para a produção da vida de um indivíduo, também, sujeito social. Este que é tanto sujeitado pelo pertencimento e participação em atividades sociais quanto como o que sujeita, por meio do pensamento, as suas ações e operações na efetivação da sua vida.

A generalização está relacionada à vivência de dos conteúdos da consciência, isso quer dizer a inclusão de algum objeto em um classe de objetos correlacionados não é um ato puramente cognitivo – como se o conhecimento fosse possível sem a afetação.



A inclusão é realizada pelas características próprias dos objetos, mas acompanhados do valor que ocupa nas inter-relações da classe dada, do seu lugar e função no sistema de relações e, também, com o valor pessoal, afetivo/emocional dado pelo sentido pessoal do sujeito na atividade de significação. A generalização, essa refração da realidade pela consciência, não é um ato mecânico de reprodução imediata do sentido social da significação.

A generalização, síntese de um processo analítico das relações do sujeito com o seu entorno, possibilita novas formas de refração do mesmo contexto no qual se formou, constituindo-se em meio para a uma análise mais complexa. Isso quer dizer que o processo de significação possibilita que um sujeito amplie cada vez mais a sua capacidade analítica e sintética da realidade, permitindo com isso a orientação das suas ações pelo pensamento, também, cada vez mais consciente das mesmas. Mas esse processo ocorre sempre motivado pelos interesses pessoais em conexão com os meios e instrumentos necessários à operacionalização das ações. Como explicita Vygotski (1997, p. 383),

[...] A teoria da vivência deve ser entendida como a relação interior da criança como ser humano, com um ou outro momento da realidade. Toda vivência é uma vivência de algo. Não há vivências sem motivo, como não há ato consciente que não fora um ato de consciência de algo. Não obstante, cada vivência é pessoal. [...] A verdadeira unidade dinâmica da consciência, unidade plena que constitui a base da consciência é a vivência. (tradução nossa)

A partir da citação acima podemos fazer a seguinte análise das condições de surgimento de necessidades novas a partir da generalização das relações de um sujeito com o seu entorno. A afirmação de que “não há vivência sem motivos” significa que as vivências se criam por necessidades, posto que todo motivo é sempre o seu objeto. No entanto, “cada vivência é pessoal”, quer dizer que os objetos da necessidade que se produzem na vivência não são somente dados objetos materiais ou circunstanciais, mas, também, objetos constituídos de um valor para a personalidade. Portanto, a vivência não é somente produzida por necessidades, mas ela mesma leva ao surgimento de novas necessidades.

A vivência da significação, portanto, gera novas necessidades cognitivas e afetivo/emocionais, posto que altera a relação analítico/sintética do espaço/tempo da existência dos objetos e das afetações que eles provocam no sujeito. Surgem, por isso, novos motivos para agir. Mas, para tanto, a motivação das ações deve existir como

condição para a efetivação da atividade. A unidade dos motivos sociais e pessoais para que um sujeito corresponda com as suas ações às expectativas sociais da atividade depende da motivação. Esta não ocorre pela imediata existência de necessidades e seus motivos. Para a compreensão deste fato faremos, a seguir, uma análise do surgimento da motivação coerente com a atividade.

### **Significado e motivação como meios para a atividade estudo**

O que acabamos de afirmar é que, ao se criar uma necessidade e dado o seu objeto na qualidade de motivo não se viabiliza imediatamente a atividade. É preciso, ainda, conhecer quais são ações, operações e suas finalidades, os meios e instrumentos para a sua realização. Para a formação da consciência é necessário conhecer como as finalidades das ações correspondem ao objetivo geral da atividade, presente como forma ideal imaginada antes pelo sujeito.

Um indivíduo pode em dadas circunstâncias operacionalizar ações conhecendo as suas finalidades sem conhecer o objetivo final da atividade. Nesse caso diremos que ele está alienado na sua atividade. Isso ocorre também nas salas de aula, onde ao estudante não resulta nunca receber as informações completas sobre a sua atividade. Com isso, o motivo da atividade da qual participa é desconhecido e a motivação se estabelece pela compreensão do uso dos meios e instrumentos para a operacionalização das ações. A finalidade própria da ação é o limite da sua consciência.

A relevância desse fato é que nessas condições os sentidos dos significados sociais para a orientação psicológica e os sentidos pessoais que irão caracterizar a ligação afetiva emocional do sujeito como pessoa à sua atividade serão discordantes. Nessas condições não integraliza a unidade dos sentidos social e pessoal na vivência da atividade. Por isso, o sujeito precisará atribuir sentidos arbitrários para aquilo que faz. Por isso, ainda, a atividade como um todo lhe aparecerá como estranhamento. Leontiev (1978, p. 120) explica que,

[...] Enquanto a sensorialidade externa vincula na consciência do sujeito os significados com a realidade do mundo objetivo, o sentido pessoal os vincula com a realidade de sua própria vida neste mundo, com seus motivos. *O sentido pessoal é o que cria a parcialidade da consciência humana.* (tradução nossa, grifos do autor).

Ao afirmar que ocorre uma discordância entre sentidos sociais e pessoais não queremos dizer que os sujeitos devem anular a sua personalidade ao realizarem sua

atividade, isso não é possível. O que se quer notar é que os sentidos pessoais não são idênticos, mas concordam na efetivação da produção da vida social quando o indivíduo realiza-se como pessoa. A particularização da consciência expressa na personalidade não significa que essa não seja também social. É por isso que é possível a um sujeito satisfazer necessidades pessoais durante a realização de uma atividade social. A vinculação afetivo/emocional do sujeito precisa desse pré-requisito percebido pela consciência.

A motivação não pode ser compreendida como existente internamente desvinculada da condição externa. A ativação das ações orientadas a um dado objeto se forma nas condições de apropriação dos meios psicológicos e instrumentos externos. Além de possuí-los é necessário conhecer as formas e o seu uso, a sua função social dada circunstancialmente pela organização da atividade, suas finalidades. Com isso é possível agir produzindo ações correspondentes. É possível, mas não suficiente. É preciso ainda a formação de sentido para a motivação.

As qualidades da orientação, da execução e do controle operacional direcionado às finalidades das ações, e em ligação com as características do objetivo da atividade podem se dar por diferentes motivos pessoais. Os motivos sociais cristalizados na função social dos instrumentos, bem como as ações características, podem coexistir com motivos pessoais discordantes. Assim, por exemplo, alguém pode de malgrado realizar uma ação com um instrumento excedendo ou menosprezando as suas possibilidades de produzir os efeitos necessários e condizentes com a sua finalidade. Pode produzir como objetivação da sua ação algo discordante do seu motivo.

Quando nos referimos aos motivos e à motivação criados no processo de significação e buscamos pelos elos que nos permitem compreender o movimento que vai da significação ao pensamento e à orientação das ações de um sujeito, é pela formação do sentido pessoal e seus motivos que buscamos. Ora, da mesma forma, se quisermos que um indivíduo se vincule efetivamente à sua atividade, é deles que devemos cuidar durante a significação das ações e operações.

Vygotski (2001a, p. 25), em exposição sobre questões metodológicas de análise sobre as relações entre pensamento e afeto aponta para a importância de se compreender como a formação do sentido afetivo é constituinte essencial da significação e, portanto, constituinte igualmente do sentido social de orientação das ações, quando afirma que sua análise,

Revela a existência de um sistema semântico dinâmico, representado pela *unidade dos processos afetivos e intelectuais*. Mostra como qualquer ideia encerra, transformada, a atitude afetiva do indivíduo para com a realidade representada nessa ideia. Permite também descobrir o movimento direcional que parte das necessidades ou impulsos do indivíduo para uma determinada intenção de seu pensamento e o movimento inverso que parte da dinâmica do pensamento para a dinâmica do comportamento e **a atividade concreta da personalidade**. (tradução nossa, grifo itálico do autor; grifo negrito nosso).

A motivação depende dessa unidade de processos intelectuais e motivos da personalidade. A ativação das ações não se realiza sem essa unidade. O conhecimento das operações de uma ação, a posse dos meios simbólicos e instrumentos são pré-requisitos, mas a decisão de como, quando e a forma como se realizará a ação e a vinculação à atividade depende das inter-relações entre os motivos circunstanciais do contexto e os motivos afetivo/emocionais da personalidade. Cabe, por isso, reconhecer uma distinção entre motivo e motivação. Ainda que eu tenha motivos sociais e os recursos para agir, a efetivação das ações pode não se desenvolver por motivos pessoais. A motivação existe nessa unidade das condições objetivo/subjetivas da personalidade humana.

A problemática que se nos configura é a de compreender como a motivação pode se desenvolver no processo de significação em uma atividade específica. Como se pode por processos educativos, de ensino e orientação do desenvolvimento promover a vinculação de um estudante à sua atividade. Essa condição se configura como fundamento para o ensino, visto que, em nossa sociedade as crianças vão por diversos motivos à escola e muito pouco por seu motivo essencial.

Voltemos à significação para considerá-la como uma atividade. Podemos compreender que a sua necessidade reside no fato de que os homens precisam produzir os meios de comunicação próprios da sua sociedade, dado que não nascem com eles. Podemos, ainda, compreender que o seu objetivo é o domínio dos signos como meios psicológicos para as relações sociais e para o domínio da própria ação, mas também das ações dos outros.

Avançamos para as suas ações e operações. A significação é um processo essencialmente social, portanto, exige ações grupais e/ou diádicas. A afetação individual, ainda que crie sentidos particularizados, é insuficiente para a produção de significados. Ela acontece em processos de utilização de instrumentos, conhecimento de objetos com funções sociais, tipos de relações com as pessoas, modos de agir e tudo

aquilo que envolve a mediação dos sujeitos entre si. As ações da significação são, portanto, condicionadas pelas especificidades das atividades onde acontece.

A significação pode ocorrer em diversas circunstâncias sem que haja uma intencionalidade explicitada pelas ações de comunicação e manipulação de objetos. Uma criança pode observar um adulto agindo e comentando sobre suas ações, pode ouvir a conversa entre duas pessoas e extrair dessas relações novos significados – ser afetado e incluir os afetos que levam à cognição e vivências emocionais no seu sistema de significados - e atribuí-los aos signos presentes na conversação, por exemplo. Nesses casos, na criança se produzirá uma significação articulada pela sua imaginação e atribuição de sentidos social e pessoal a partir da sua participação na situação e interpretação dos fatos. Isso é possível.

Mas essa significação, que poderíamos chamar de casual, não é a que esperamos de uma atividade educativa escolarizada. Nesta, deve haver uma intencionalidade direcionada aos objetivos específicos dos conteúdos de ensino. Isso quer dizer que as ações do professor, quando do trabalho com os objetos de estudo, direcionam a transformação do objeto conjuntamente com a transformação dos significados já existentes para os estudantes e que viabilizam trabalhar junto com o professor.

Uma ação de significação intencional tem como finalidade a transformação do que o sujeito já tem como possibilidade de orientação por meio dos signos que já domina, em novos significados que alteram todo o seu sistema de significados viabilizando que ele organize seu pensamento em sistemas mais complexos sobre a realidade. As operações dessa ação se efetivam no desdobramento da essencialidade e das particularidades do objeto, por meio dos recursos da exposição, explicação, utilização de esquemas e tudo aquilo que seja um recurso material ou verbal para a análise e síntese, em novas relações de abstração e compreensão do objeto.

Aliado a esse processo é necessário, ainda, a produção de uma atividade na qual o sujeito participe ativamente como *trabalhador*, isto é, como um ser humano que atua na transformação, por meio da imaginação do resultado final das ações, por meio do planejamento e estabelecimento das suas finalidades, por meio da compreensão do uso de instrumentos, por meio da seleção adequada dos conceitos necessários à organização do pensamento na resolução dos problemas que decorrem da atividade e, portanto, do conhecimento das necessidades e motivos das ações e da atividade.

O lugar de sujeito, o seu papel e função no conjunto das ações precisa ser esclarecido e valorizado. O valor afetivo desse lugar, não se dá por expressões de carinho, de ganho de recompensas desconectadas da própria atividade, de prêmios, ou qualquer outro recurso afetivo válido para relações interpessoais. A valoração do lugar que o sujeito ocupa é dada pela efetividade do uso dos significados na própria atividade, isto é, o sujeito precisa reconhecer que domina os significados de sua atividade específica e produz os efeitos esperados na sua produção. É quando o sujeito se vê no resultado de suas ações e este corresponde ao objetivo imaginado como resultado final da atividade que o valor pessoal de sujeito se estabelece como realidade em sua vida.

A ação de significação no processo da atividade de estudo precisa ser intencional em relação ao domínio dos significados e signos que representam o seu conteúdo de estudo. Assim, ao trabalhar com objetos e conceitos de estudo, os estudantes precisam participar dessa intencionalidade do professor. Este precisa explicitar as intencionalidades, objetivos, meios e instrumentos e as possíveis formas de procedimentos com eles.

Esse condicionamento da significação à multiplicidade de ações e operações implica na dinâmica, no movimento interno do conteúdo simbólico dos significados. Vygotski (2001, p. 399) em exposição sobre os resultados experimentais que o levaram a compreender a unidade da palavra e do pensamento, expressa muito bem o que viemos discutindo quando afirma, ainda, que,

[...] O novo e essencial que essa investigação introduz na teoria do pensamento e da linguagem é a descoberta de que os significados das palavras *se desenvolvem*. A descoberta da mudança dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a nossa descoberta principal, que permite, pela primeira vez, superar definitivamente o postulado da constância e da imutabilidade do significado da palavra [...].

Por isso, a inclusão da criança em diferentes atividades é o caminho da transformação dos significados das palavras, mas também, da diversificada possibilidade de afetação que incrementa a experiência sensível e a formação de imagens necessárias à imaginação e criatividade. Ocorre ainda que a criança pode ocupar diferentes papéis que a recolocam em novas relações de poder e de domínio dos meios e significados, que produzem novos sentidos do seu lugar no mundo. Isso contribui profundamente na formação da personalidade.

Organizado esse movimento, segundo as especificidades da atividade na qual a criança está envolvida, criar-se-á um sistema semântico com as qualidades específicas

necessárias aos objetivos educacionais. O ensino e a aprendizagem terão igualmente a mesma finalidade, os mesmos objetivos.

Para que a criança possa estabelecer uma relação de vinculação à sua atividade ela precisa compreendê-la e satisfazer necessidades criadas tanto para o seu grupo quanto nela mesma, precisa poder vincular a sua atividade no conjunto de sua vida. Disto podemos afirmar que a adequada organização da atividade de estudo depende das ligações que se possam fazer na escola com essa unidade complexa da vida social.

A atividade orientada a propósitos educacionais claros e intencionalmente dirigidos para a formação de um pensamento capaz de análise da realidade, portanto, é o caminho para as transformações no pensamento que se espera com a atividade de estudo, o pensamento teórico e propositivo sobre as transformações necessárias à realidade.

Nesse movimento a significação se reveste da transformação das relações dinâmicas da situação que levarão a novas necessidades para o pensamento que, por sua vez, se volta às múltiplas análises da realidade situacional orientando as ações atribuídas de um novo sentido consciente, tanto do ponto de vista do sentido social de orientação pelos significados como do sentido pessoal de pertencimento e participação a um grupo. Disso, ainda, advém o fato de que a expansão da consciência significa, na mesma, medida a possibilidade de domínio tanto da situação quanto das próprias ações. A criação do valor afetivo e do sentido pessoal relacionado coerentemente com os motivos sociais depende, também, desse autodomínio das ações.

A título de finalização, podemos avaliar que as dificuldades enfrentadas pelo estudante estão relacionadas, em boa medida, a que as situações de ensino enrijecidas por práticas não críticas do desenvolvimento do pensamento ligado aos afetos levam à imobilidade do seu desenvolvimento e à criação de vínculos afetivamente negativos com a sua atividade. Isso decorre do fato de que na significação sem a coerente formação do sentido pessoal e do esclarecimento por meio da análise e síntese dos objetos de estudo, isto é, em um sistema de multideterminações que possibilita acompanhar pelo pensamento o movimento de sua existência, e que implica no desenvolvimento dos significados, da capacidade de generalizar, e no conhecimento da própria realidade permanece fragmentada e sem unidade de sentidos sociais e pessoais. Finalizo este tópico, ainda, com uma afirmação de L. Vygotski (1997, p. 269) que sintetiza, de certo modo, as reflexões aqui propostas,

Enquanto separamos o pensamento da vida, da dinâmica e da necessidade, o privamos de toda atividade, fechamos a nós todos os caminhos para a relação e o esclarecimento das propriedades e da missão mais importante do pensamento: determinar o modo de vida e de conduta, modificar nossas ações, dar-lhes uma direção e libertá-las da dominação da situação concreta. (tradução nossa)

### **Considerações finais**

Este artigo no qual se propôs fazer uma discussão sobre o papel da significação no surgimento de motivos para a atividade de estudo e a conseqüente vinculação afetivo/emocional do estudante à sua atividade, buscou esclarecer quais são as ligações necessárias do ponto de vista do estudante como sujeito do processo de significação para a sua orientação psicológica em uma atividade específica. Demonstra que a atividade de estudos tem especificidades que exigem a correspondente criação de necessidades, motivos pessoais e meios instrumentais para o seu desenvolvimento.

Ao tratar significação como atividade social necessária à inclusão dos indivíduos como sujeitos sociais, esclarece como nesse processo a formação de correspondentes sentidos pessoais está ligada a motivos da personalidade. Isso se mostra como particularidade essencial da vinculação do sujeito que realiza a sua própria vida na atividade social, e que para ser possível a efetivação dessa realização, enquanto unidade das vivências em dada atividade é essencial o desenvolvimento da personalidade, no nosso caso, do estudante.

Tomou a essencialidade da atividade de estudo como a transformação do seu objeto em um movimento que esclarece as multiderminações da sua existência no processo de assimilação dos seus conteúdos. Esse processo resulta em uma forma específica de pensamento chamado de *teórico*, que é por isso o escopo do processo de escolarização. Dominar essa forma de pensamento possibilita ir além do conhecimento formal, isto é, da aparência do conhecimento ao domínio da existência do seu objeto em dadas condições.

Apresenta, assim, que a significação dos objetos constitui o eixo por meio do qual se desenvolvem os processos de aprendizagem necessárias a tal domínio. Fundamenta-se no fato de que a significação é uma atividade social que precisa ser dominada pelos agentes do processo de ensino para a superação de ações espontâneas e o alcance da efetivação de uma prática intencionalmente orientada para a formação nos sujeitos, dos meios necessários ao domínio significado das suas ações, promovendo, dessa forma, consciência e envolvimento na atividade.



Igualmente, o domínio do significado não é por si só suficiente para o surgimento da motivação para a vinculação do estudante à sua atividade de estudo. Componente dos significados e desenvolvido ao mesmo tempo durante a significação dos objetos, isto é, da criação de um sentido social de orientação psicológica no o seu uso e que satisfaz a necessidade social de correspondência das ações individuais em relação aos objetivos sociais coletivos ou grupais da atividade do sujeito, encontra-se o sentido pessoal. Este, por sua vez, relaciona o sujeito como pessoa na realização das ações que ao mesmo tempo satisfazem necessidades pessoais e de auto realização.

Esses sentidos pessoais se constituem por meio da valoração das ações e do lugar que o sujeito ocupa como parceiro social. A valoração proposta aqui como essencial à vinculação é aquela referente à efetivação das ações e sua correspondência com os objetivos da atividade, quando o sujeito reconhece em si a possibilidade de domínio de produção das ações fazendo coincidir os sentidos pessoais com os sociais orientando-se pelos significados. Isso quer dizer que, os sujeitos reconhecem a possibilidade de satisfazer necessidades e interesses pessoais quando realiza também os sociais.

Finalizando, quero apontar para a necessidade de que no processo de ensino escolarizado, onde a atividade de estudo deve ser desenvolvida na sua integralidade, o processo de significação precisa assumir as especificidades dessa atividade, que se caracteriza como possibilidade de transformação criativa e domínio concreto dos seus objetos. Para tanto, é preciso também, a participação do sujeito como agente na produção de sentidos para a atividade.

### **Referência bibliográfica**

DAVIDOV, V. *O que é atividade de estudo*. Revista Escola Inicial, nº 7, 1999.

ILJENKOV, E. V. *The Ideal in Human Activity*. Marxists Internet Archive, 2009.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones del Hombre, 1978.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas II: Problemas de psicología general*. 2 ed. Traducción de José Maria Bravo. Madrid: Visor, 2001a.

\_\_\_\_\_. *A construção do pensamento e da linguagem*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Imaginación y creación en la edad infantil*. Traducción de Francisco Martínez. 2. ed. La Habana: Pueblo y Educación, 1999.

\_\_\_\_\_. *Obras escogidas V: Fundamentos de defectología*. Traducción de Julio Guillermo Blank. Madrid: Visor, 1997.